

Convivência: uma saída e um desafio para os idosos

Miguel Ch. Vergara*
Gilmar dos S. O. Vergara**

A convivência humana, no atual século, tornou-se uma exigência da sociedade, principalmente para os menos afortunados que denunciam a necessidade de uma vida mais solidária, onde o respeito às diferenças seja uma marca registrada. Não é demais lembrar que a cada dia aumentam a violência, o desemprego, as crises econômicas e sociais; há ainda problemas relacionados à falta de preservação dos valores, situações que acabam oferecendo um futuro inseguro, incerto e com poucas perspectivas de vida para aqueles que procuram continuar vivendo na sociedade que um dia ajudaram a construir. É o caso do *idoso*, de um modo geral marginalizado, não devidamente compreendido pela sociedade em que vive, já não interessando aos mais novos, e vivendo situações de convivência social cada vez

mais reduzidas. Diante disso, a questão é saber como recriar novas formas de convivência com aqueles que, por direito, reivindicam reconhecimento, respeito e inclusão nos acontecimentos da vida cotidiana e no contexto em que vivem.

O número de idosos cresce de forma significativa no Brasil. A estimativa é que no ano 2025 teremos uma das maiores populações de idosos do planeta, com um crescimento que se dará de forma rápida, ao contrário do ocorrido na Europa, que envelheceu lentamente. Este seria um dos grandes motivos pelo qual as autoridades brasileiras deveriam se preocupar com essa faixa da sociedade. Os idosos se organizam e procuram independência e convívio juntamente com os que passam pelos mesmos problemas, com aqueles que de fato lutam por respeito e batalham pelo desafio de

* Professor de Antropologia. Professor e coordenador do curso Memórias em saberes e sabores culinários, no Programa de Extensão para a Terceira Idade do Núcleo de Estudos do Envelhecimento, DFCH-UESC. 2003.

** Graduada em Pedagogia pela UESC, 2002.

conviver socialmente. Seus exemplos de desejo comum de recuperar a auto-estima e o respeito e ocupar um espaço que outrora ocuparam são cada vez mais visíveis. Antigamente, chegar à velhice no Brasil era menos complicado, pois as desigualdades sociais pareciam ser menores, o custo de vida era mais baixo e a aposentadoria permitia-lhes uma vida de menos miséria e abandono.

Nos anos 1960/1970 era muito comum idosos serem vistos nas praças, nas ruas, fazendo serenatas, enfim, ocupando um lugar especial no convívio social. Hoje o idoso encontra-se numa situação tão difícil que se tornou quase impossível conviver com outros grupos que não sejam os seus companheiros da mesma faixa etária. Sem perceber, a sociedade o deixou desprotegido das agressões e frieza dos tempos modernos.

Para alguns profissionais que trabalham na área, ser idoso hoje, no Brasil, é mais fácil que outrora, principalmente pelas possibilidades de se receber informações sobre saúde, pela oportunidade de convívio com pessoas da mesma idade, pelo maior número de opções de lazer e de atividades educativas antes não tão disponibilizadas. Contudo, o idoso enfrenta sérias dificuldades em vários segmentos da sociedade, sobretudo com pessoas que ainda não aprenderam a lidar com os mais vividos, tanto do ponto de vista biológico quanto do emocional. A nossa sociedade não foi educada para lidar com o diferente - a exemplo do deficiente, do idoso. O ca-

pitalismo tem incutido a idéia errônea de que quando não servimos para trabalhar não servimos para nada.

Somente há pouco tempo alguns segmentos têm se preocupado com o destino dos idosos e com o valor que se deve dispensar a eles; sabiamente os idosos estão aproveitando bem essa nova iniciativa e apostam na qualidade de vida; e aqui ressalta-se a importância dos exercícios físicos, das atividades de lazer, dos cursos de artesanato, de arte culinária e as aulas de dança como canais que possibilitam a construção de novos significados na vida de quem antes só tinha a opção de ir para os espaços que tinham funções meramente assistenciais. Com essa nova perspectiva de vida, os idosos encontram-se com pessoas especializadas preocupadas com o seu bem estar físico, mental e social; no entanto, isso não significa que todas as camadas sociais de idosos tenham acesso a esses programas de convivência.

Mesmo com todo o avanço no tratamento do idoso que o país começa a dispensar, especialistas alertam para o principal desafio das novas gerações: quebrar as barreiras do preconceito contra o idoso; termos como "velhos" ou mesmo "melhor idade" podem denotar preconceito; este segundo termo, ironicamente, serve para camuflar as dificuldades vividas pelos idosos. Sem dúvida que seria de fato a melhor idade se houvesse respeito ao idoso, se este tivesse um lugar de destaque na sociedade, se

sua aposentadoria fosse mais justa, de modo a atender às necessidades específicas da idade - para muitos recheada de problemas de saúde não solucionados pelos órgãos responsáveis - e se houvesse maior perspectiva de vida em nosso país.

Para driblar essa situação, os mais vividos encontram refúgio no meio daqueles que sofrem as mesmas pressões e incompreensões da sociedade. De maneira saudável, tentam levar a vida de forma tranqüila, esquecendo-se por alguns instantes das preocupações que a vida lhes impõe.

Para que esse preconceito seja superado, faz-se necessário um trabalho acerca do valor que se deve dispensar àqueles que um dia ajudaram a construir a nossa sociedade, um trabalho de conscientização junto às famílias sobre a necessidade de se produzir espaços de convivência com os idosos já desde a educação infantil.

E quanto aos idosos, oxalá se juntem aos que lutam pelos mesmos ideais de vida, motivando-se por atividades que façam bem ao corpo, à mente e ao espírito.